



CONCEITOS E ATMOSFERAS NA ARQUITETURA DE INTERIORES: SUBSÍDIOS PARA DEBATE SOBRE ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL[√]

Mariana Dominato Abrahão CURY*
Denyse Pereira Neves DELGADO**
Aline de Barros PIMENTA***



RESUMO

O presente trabalho inscreve-se no campo do projeto de *design*, tendo os temas Conceito e Atmosfera do Projeto de Interiores como os principais eixos de análise. As reflexões aqui presentes são resultado de um debate promovido pelo projeto de extensão “Projeto IN” – UFJF/FAU, e as análises desenvolvidas buscam ampliar a discussão sobre a temática a partir de experiências profissionais na prática do mercado e a partir de experiências de docência no curso de *Design* de Interiores. Ao longo deste trabalho procurou-se demonstrar que o ato de projetar em *design* de interiores envolve muitas variáveis interdependentes e dinâmicas, que necessitam ser compreendidas como parte do processo e não como elementos isolados independentes e que essas variáveis garantem a profundidade e a complexidade dos projetos para espaços internos. Trata-se de uma reflexão sobre o projetar do profissional da área da arquitetura e do *design* de interiores no que tange o diálogo entre a edificação e os seus ambientes, e intenções projetuais, resultados formais e de ordem sensorial.

Palavras-chave: Design de interiores. Conceito. Atmosfera.

1 INTRODUÇÃO

No final do mês de janeiro, 2016, as professoras Mariana Dominato Abrahão Cury, Denyse Pereira Neves Delgado e Aline Barros Pimenta participaram de uma

[√] Artigo recebido em 02 de março de 2016 e aprovado em 20 de junho de 2016.

* Mestra em Urbanismo pelo Programa de Urbanismo (PROURB) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora Assistente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: <marianadacury@gmail.com>.

** Mestra em Arquitetura e Urbanismo pela Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense (PPGAU/UFF). Pesquisadora associada no Núcleo de Pesquisa e Extensão Urbanismo em Minas Gerais (UFJF). E-mail: <denysearquiteta@gmail.com>.

*** Mestra em Ambiente Construído (ProAC/UFJF). Professora dos cursos de Arquitetura e Urbanismo e Tecnologia em Design de Interiores no Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). E-mail: <pimenta_aline@yahoo.com.br>.

mesa redonda organizada pelo Projeto IN, um programa de extensão da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFJF que objetiva a realização de atividades de naturezas diversas tendo como tema principal a Arquitetura de Interiores. O projeto é de autoria do prof. Dr. Frederico Braidá, e conta com a participação de bolsistas do curso de Arquitetura e Urbanismo da FAU/UFJF.

Participaram também do debate as arquitetas e especialistas em Arquitetura de Interiores, Sâmia Casela e Ravena Abreu, sócia-proprietárias do Studio Due, contribuindo com suas experiências profissionais.

Após a realização do evento, o retorno obtido através de alguns ouvintes motivou o desenvolvimento do presente artigo, a fim de documentar as principais questões que foram colocadas ao longo de toda a discussão, ampliando o alcance do debate e, junto a isso, apresentando algumas práticas acadêmicas abordadas nas aulas do curso de *Design* de Interiores do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CES/JF que pudessem reforçar as questões debatidas no evento.

O objetivo do debate era abordar a importância do CONCEITO para os projetos de interiores, identificando suas complexidades e esclarecendo alguns equívocos que são recorrentes ao projeto de interior, entendido, por diversas vezes, como uma solução meramente decorativa. Nesse entendimento, as características técnicas do projeto de interiores, aliadas à construção conceitual do mesmo, garantem a complexidade de toda a carga de conhecimento que permeia a atividade projetual, indo além das práticas decorativas.

No entanto, as diversas formas de identificação dos projetos de interiores, também chamados de Arquitetura de Interiores, ou *Design* de Interiores, e a existência da atividade denominada “decoração”, fazem com que o público leigo tenha dificuldade de compreender a utilização desses diferentes termos e, conseqüentemente, tenha dificuldade de associar ao tipo de serviço prestado. A prática do *projeto* difere-se da prática da *decoração* em vários aspectos, sobretudo naquilo que tangencia o entendimento do **conceito**, e de sua importância na elaboração do projeto. Desse modo, como resultado do debate realizado, procura-se abordar a noção de **conceito em design de interiores** e como seus desdobramentos geram produtos mais bem elaborados e mais bem preparados dentro de uma diretriz de planejamento do espaço.

Considerando a formação das autoras como Arquitetas e Urbanistas, e suas atuações como professoras dos cursos de Arquitetura e Urbanismo e *Design* de Interiores, e como profissionais de arquitetura, com projetos na área de Interiores, as mesmas foram convidadas, no evento, pelo prof. Frederico Braida, mediador do debate, a relembrar em que momento tiveram contato com o tema Arquitetura de Interiores, e o que motivou os seus interesses pela área. As convidadas recordaram que durante a graduação em arquitetura e urbanismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora, entre os anos de 2003 e 2010, as informações sobre os projetos de interiores, com o aprofundamento necessário, eram bastante rasas, quando não, nulas. Como alunas dependiam de alguns professores, mais interessados e disponíveis para a abordagem dessa temática, o que, naquela época, era bastante incomum. Ainda que a leitura obrigatória de Bruno Zevi, em *Saber ver Arquitetura*, procurasse valorizar o espaço interior como elemento básico da arquitetura, não havia nas disciplinas de projeto uma discussão mais completa sobre o tema, que pudesse abarcar inclusive as qualidades mais subjetivas do espaço.

Durante a faculdade, o desenvolvimento do projeto era interrompido em sua fase preliminar, e para os espaços internos era apresentada, geralmente, apenas uma solução de *layout* - já que não havia uma discussão mais profunda sobre a arquitetura de interiores. O *layout* não revelava, portanto, as inúmeras implicações da manipulação de elementos objetivos e subjetivos de um ambiente já que os estudos não eram tão elaborados. E também não apresentava as complexidades técnicas do projeto de espaços internos e seus detalhes.

No exercício prático da profissão seja, inicialmente, nos estágios e, depois, como arquitetas em escritórios particulares, observou-se a importância de trazer as decisões sobre o interior dos projetos de arquitetura de edifícios para as etapas iniciais do processo. Isso porque o entendimento das demandas do espaço interno poderia implicar em mudanças estruturais (como a posição, dimensão e formato de uma janela), de modo que fosse garantir uma qualidade espacial que pudesse ir além das questões mais óbvias, e que contemplasse valores acerca das sensações e das percepções do espaço, a partir de uma compreensão mais afetiva e subjetiva do usuário.

Para as convidadas do evento, o contato com o mercado de trabalho – tanto como estagiárias, ainda estudantes, quanto como profissionais –, indicou uma clara

e evidente demanda por projetos de interiores em todas as áreas: comerciais, residenciais, institucionais. E esses projetos demandaram estudos mais elaborados sobre o tema, aprofundando as pesquisas. Esse contato profissional com os projetos de interiores alertou também para a complexidade técnica desse tipo de projeto, que exigia uma grande variedade de desenhos e informações detalhadas.

Com a prática da profissão, percebeu-se que se essa discussão não fosse contemplada nas fases iniciais do projeto arquitetônico de qualquer edificação, os espaços gerados poderiam apresentar problemas que não teriam mais chance de serem repensados. Nas reformas ou nos projetos de interiores em geral – que são, na maioria das vezes, pensados para espaços já construídos – muitas questões que precisam ser revistas acabam recebendo soluções projetuais que contribuem significativamente para a qualidade espacial do ambiente, porém ficam limitadas às características estruturais – fechamentos que nem sempre podem ser demolidos, aberturas que não podem ser alteradas, e, até mesmo, questões orçamentárias que não viabilizam a execução da obra por conta da grande quantidade de mudanças estruturais recomendadas.

Todas essas questões chamam a atenção para a importância da arquitetura de interiores e para a necessidade de uma discussão mais aprofundada sobre o assunto. Nesse sentido, a arquitetura de interiores revela sua complexidade técnica e conceitual, que em nada se assemelha aos trabalhos de decoração, com os quais é, frequentemente, comparada. E se a complexidade técnica é indiscutível, exigindo desenhos e detalhamentos minuciosos, domínio de materiais e de execução de obra, a complexidade conceitual não fica em segundo plano. Através dela revelam-se questões fundamentais ao projeto que, além de proporcionarem respostas projetuais mais interessantes, auxiliam o processo de projeto do profissional.

2 A IMPORTÂNCIA DO CONCEITO

De acordo com o professor Dr. Carlos Antônio Leite Brandão, da UFMG, “a *atividade mental de conceber é metáfora da atividade agrícola de colher algo que é oferecido pelo mundo e apropriado pelo espírito ou pela nossa vida prática*”, reforçando a conexão necessária entre a base teórica-conceitual e a praxis, “entre a

atividade abstrata do pensamento e o nosso modo concreto de estar e se relacionar com o mundo” (BRANDÃO, 2000, p.02).

Desse modo, pode-se afirmar que a construção do “conceito” em arquitetura é um grande desafio para o profissional, pois depende daquilo que se colhe do mundo e de como se apropria dessas informações. Nas salas de aula, a abordagem também se torna desafiadora, pois é necessário ensinar o que é o conceito, como elaborá-lo e, em seguida, como aplica-lo no projeto. E por ser uma construção mental que deve aliar teoria e prática, e que depende de nossas vivências e experiências pessoais, a elaboração do conceito torna-se um conteúdo de difícil abordagem metodológica.

Procura-se aqui definir a importância do conceito nos projetos de arquitetura de interiores, apresentando alguns de seus desdobramentos para reforçar sua indispensável aplicação ao projeto, e, em seguida, será abordado o conceito de atmosfera do espaço e será explicitado algumas práticas acadêmicas que têm contribuído com o ensino do conceito nas salas de aula.

Pode-se definir o conceito como um “fio condutor” do projeto, uma espécie de linha invisível que acompanha o arquiteto e o *designer* de interiores em todas as etapas do processo projetual. Para um melhor entendimento do que isso significa, precisa-se compreender o processo projetual como uma estrada de possibilidades que apresenta uma sequência de encruzilhadas, que podem ser entendidas como *momentos de tomadas de decisão*. Elaborar um projeto implica em estar, a todo o momento, escolhendo, dentre vários caminhos possíveis, qual o mais adequado para aquela determinada situação. O conceito alimenta o processo criativo e direciona as decisões a serem tomadas, porque revela sempre onde se quer chegar, voltando nosso olhar para aquilo que se pretende recolher no projeto. Por isso, ele conduz o projeto, conectando as diversas etapas do processo.

Para descobrir aonde se quer chegar, várias questões precisam ser consideradas antes que qualquer traço seja dado no papel. É necessário ter uma longa conversa com o cliente, identificando suas principais necessidades para o espaço que será projetado – elaboração de um *briefing*¹. A partir disso, faz-se uma

¹ Documento que organiza de forma mais específica e estratégica os anseios do cliente, a natureza do projeto, como será executado, prazos e recursos disponíveis (PHILLIPS, 2011, pág. 13).

investigação bastante detalhada, que procura ir além das questões mais óbvias, lendo as entrelinhas, identificando perfis, gostos, preferências, memórias e experiências. A fase inicial é de uma intensa pesquisa. Nem tudo aquilo que é importante ser considerado será dito claramente pelo cliente. A observação minuciosa e cuidadosa é uma ferramenta fundamental ao profissional.

É necessário, ainda, avaliar o espaço estruturalmente, identificando suas limitações em relação aos fechamentos e às aberturas; a qualidade da iluminação e da ventilação naturais; e a existência de elementos que poderão interferir no projeto, como pilares, vigamentos e desníveis. Essas análises indicarão as principais deficiências e as principais qualidades estruturais do espaço que será trabalhado, exigindo decisões que podem ser de ordem funcional, de ordem compositiva e plástica, ou de ordem técnica.

Desse modo, no início do processo de projeto, é necessário que se procure definir conceitualmente o que se deseja como resultado final, com base em todas as questões analisadas, antes, ou simultaneamente, aos primeiros desenhos. Esse questionamento deve criar diretrizes de projeto e essas diretrizes devem ser organizadas de modo que se entenda as prioridades do projeto.

Portanto, na esfera conceitual, é importante que exista uma hierarquia entre os diversos princípios que podem nortear um projeto. Por conta de toda essa complexidade, é bastante comum que um mesmo projeto apresente conceitos diversos que respondem às também diversas temáticas que permeiam o projeto: a técnica, a funcionalidade e a plasticidade. Nesse sentido, é comum que o conceito seja revisado e reelaborado ao longo do processo, pois não é um fim em si e por isso não deve apresentar uma estrutura estática e inflexível. As qualidades humanas do espaço arquitetônico modelam esse fio-condutor, criando nós, curvas e retornos, obrigando o projetista a percorrer um caminho intelectual que nunca será linear e, menos ainda, imutável. Mesmo porque, há muitos fatores que influenciam a construção do conceito e alguns desses fatores nunca serão rígidos e definitivos. Para Brandão (2000, p.02), “o conceito é capaz de fazer dialogar os universos distintos de quem projeta e de quem habita”, e nesse processo humanizado de compreensão do espaço, não há como construir um pensamento único, fechado em si mesmo, irrefutável. Há muitos autores que defendem, inclusive, a ideia de que o

conceito surge e ganha consistência ao longo do processo projetual, ocorrendo de forma simultânea aos desenhos preliminares.

Ao avançar a compreensão sobre o cliente, habitante do espaço, torna-se necessário que também se faça uma análise de contexto, avaliando a inserção do edifício no terreno, por exemplo. Ou até mesmo a inserção do terreno no bairro, de modo que se consiga compreender o entorno imediato e as implicações que ele possa gerar no projeto. Um exemplo bastante simples, mas muito ilustrativo, é a existência de uma edificação de relevância histórica nas proximidades do espaço que está sendo trabalhado. Nessa situação hipotética, nota-se que grande parte das janelas abre-se para essa construção, e isso pode ser um ponto de partida relevante para se pensar o posicionamento dos móveis dentro de um ambiente, valorizando a vista. Além disso, a existência de uma edificação histórica pode contribuir para decisões de ordem compositiva dentro do espaço, catalisando traços e características estéticas que inspiram o profissional e que auxiliam escolhas como a definição da paleta de cores, desenhos e imagens, geometrias e planos.

O conceito contribui significativamente dentro do processo projetual, pois estimula à pesquisa, a observação e o questionamento acerca de tudo aquilo que diz respeito ao espaço a ser trabalhado, acumulando informações que não são necessariamente técnicas ou científicas, mas que representam um núcleo criativo, que amplia o horizonte e que abre novas portas.

A virtude do conceito, ao contrário do discurso científico, não é ser verdadeiro, mas ser fecundo. Ele não pretende descrever uma instância empírica externa, mas abrir novos sentidos. Ele não é signo a ser considerado na objetividade de uma teoria semiótica, mas palavra, linguagem, discurso que se desenvolve dentro de um diálogo de progressiva compreensão. Ele não é algo fixado de antemão, puramente mental e apriorístico, nem é o mero resultado da coleta de dados tão difundidas nos relatórios urbanísticos e na crítica positivista, mas porta em si uma estrutura dialógica e contextualizada. Esse diálogo tem vários interlocutores: a tradição arquitetônica, o intérprete dessa tradição ou arquiteto, o público para o qual a obra se destina, o contexto (condicionantes e determinantes) em que a obra e seu autor se inserem e a linguagem em que o projeto e o edifício constituem. Tais interlocutores dialogam incessantemente desde o momento em que o problema espacial é colocado até sua vivência por quem o passará a habitar, de alguma forma (BRANDÃO, 2000, p.06).

Segundo Moreira (2010, p.03) a principal tarefa do *designer* é agir de maneira a alcançar a percepção do usuário, através de estímulos espaciais, temporais,

visuais, táteis, auditivos, olfativos e gustativos, e, nesse sentindo, articular orientações fenomenológicas para o produto, determinar princípios para a ordem e organização dos artefatos no espaço, indicar elementos da composição do ambiente como meio para alcançar resultados positivos. No entanto, todas essas questões apresentam certo grau de subjetividade, pois tanto esse olhar sobre o espaço e sobre aquilo que o cerca, quanto à compreensão mais profunda sobre a personalidade, sobre as convicções, sobre os desejos e demandas daquele que irá, de fato, habitar o espaço, depende também daquele que “olha” e “compreende”. Certamente, nossas análises são influenciadas por nossas memórias e experiências. Ainda que, enquanto projetistas, deve-se posicionar de forma imparcial, há uma carga emotiva e afetiva que influencia nosso modo de ver e compreender o mundo que nos cerca.

A tarefa conceitual não é exclusivamente mental, pois implica em refletir a experiência vivida; é uma atividade teórica que emana de nossa existência e sem a qual aquela é vazia. Uma experiência que é também uma experiência de espaços vividos. (BRANDÃO, 2000, p.03)

Nesse sentindo, para cada projeto a ser elaborado, haverá um conceito a ser desenvolvido. Além dos aspectos particulares de cada projeto, como *usuário (para quem é)*, *contexto (onde está)*, *necessidades, demandas, elementos, materiais (como será)*, é importante ressaltar que nossas curiosidades e nossas experiências de vida podem contribuir com o processo de conceber e podem influenciar nossas decisões.

Como diretriz metodológica, pode-se dizer que o processo de elaboração conceitual divide-se em algumas etapas: a fase da divergência - as dúvidas, as possibilidades - que, tendo as informações necessárias, acaba passando por uma peneira e possibilitando a exclusão de opções; a fase da transformação, que se caracteriza pelas possibilidades restantes e, considerando os aspectos, formais, ambientais, técnicos inerentes a cada projeto, vai auxiliar na criação de possíveis soluções. E por último a fase da convergência, em que o projetista já é capaz de discernir os aspectos que moldam a ideia e encorpam um conceito.

O conceito de projeto de interiores pode ser compreendido, então, como “*propriedade intencional atribuída ao ambiente no que se refere às reações emocionais e estados de humor do usuário na experiência de uso de determinado lugar*” (MOREIRA, 2010, p.04). Ele é caracterizado pelas sensações e sentimentos –

a atmosfera do projeto – que o lugar pode provocar no usuário, em concordância com a personalidade que a ele é atribuída, reforçando a sua identidade.

3 NOÇÃO DE ATMOSFERA

Sobre essa carga subjetiva, pode-se dizer que nossa análise mais pessoal e afetiva sobre qualquer espaço, faz emergir uma leitura acerca da atmosfera do lugar, uma leitura que é, sobretudo, psicológica. Okamoto sugere que nossa percepção da realidade ocorre a partir de ações humanas que são diretamente influenciadas por nossas emoções e sentimentos e que, diante disso, “o enfoque para qualquer processo de criação deve levar em consideração o ser humano em sua totalidade objetiva e subjetiva” (2002, p.100). Para Okamoto, forma, função, cor, textura, som e luz são exemplos de valores objetivos do espaço; enquanto símbolos, metáforas, estética, sensações, emoções, entre outros, encontram-se numa categoria mais subjetiva de elementos que compõem os espaços e que interferem em nossas percepções e no modo como as pessoas se relacionam com os lugares que nos cercam (2002, p.104).

A atmosfera da arquitetura de interior está relacionada ao impacto, primeiramente, visual e ao comando inconsciente que o ambiente transmitirá aos seus ocupantes, provocando todos os sentidos. De acordo com Moreira, (2010, pág. 5) todo lugar tem uma aparência – vazio, rústico, tecnológico, sofisticado etc – e provoca sensações e sentimentos nos usuários – otimismo, tristeza, descontração, segurança etc – e que através do projeto é possível induzir uma ou outra intenção. A aparência do lugar não está relacionada apenas aos estímulos visuais, mas compreende toda a carga sensorial do espaço: cheiros, sons, sensações táteis e gustativas provocam uma percepção espacial mais complexa, que faz emergir memórias - muitas vezes, uma espécie de “memória involuntária”, que, como narra Proust acerca do episódio da *madeleine*, em seu livro *Em Busca do Tempo Perdido*, revela uma recordação que não foi intencionalmente construída, e que por isso, apresenta um mais alto potencial emotivo. Desse modo, conceito e atmosfera estão diretamente conectados. Conceitos são as ideias e diretrizes que alimentam todo o processo projetual e que nos indica o tipo de atmosfera que pretende-se criar num determinado ambiente. Para isso, os diversos elementos do espaço, associados à

efeitos visuais e psicológicos compreendidos dentro de cada cultura, serão manipulados de forma a oferecer uma experiência espacial satisfatória e coerente com as intenções de projeto.

Quando se mencionam os “diversos elementos do espaço”, fala-se de tudo aquilo que pode ser manipulado pelo arquiteto ou pelo *designer* de interiores durante o projeto. Nisso inclui-se as dimensões do espaço (quando são possíveis de serem alteradas), a disposição da mobília e suas características estéticas, a iluminação, os elementos decorativos, os materiais, dentre outros acessórios que podem ser inseridos nos espaços para que os mesmos cumpram suas funções e atendam as demandas do usuário.

Ching afirma que “o arranjo e a organização das formas e espaços também determinam a maneira como a arquitetura pode promover iniciativas, trazer respostas e comunicar significados” (2008, p.09) e que os elementos da arquitetura funcionam como uma espécie de linguagem, portanto, reconhecê-los e entender como eles podem ser manipulados e organizados, favorece a resolução de problemas.

Ao manipular esses vários elementos, cria-se diferentes atmosferas as quais podem ser caracterizadas, por exemplo, como luminosa, espaçosa, dinâmica, estimulante, aconchegante. E essas denominações estão atreladas a forma como os princípios de ordem – unidade, variedade, ênfase, proporção, equilíbrio – e os elementos do *design* – cor, textura, iluminação, forma – são organizados e dispostos no projeto. Trata-se de uma percepção muito mais qualitativa do espaço. Quando se estuda as cores, pode-se dizer de forma intuitiva que tons azuis transmitem tranquilidade, que tons vermelhos podem ser frequentemente associados a sensações de tensão ou podem estimular a fome. No livro “A Psicologia das Cores”, Eva Heller afirma que:

(...) cores e sentimentos não se combinam ao acaso e nem são uma questão de gosto individual – são vivências comuns que, desde a infância, foram ficando profundamente enraizadas em nossa linguagem e em nosso pensamento” (2013, p.17).

Essas relações foram culturalmente construídas ao longo de milhares de anos. É interessante compreender que cada cor pode produzir muitos efeitos, frequentemente contraditórios, e que o modo como cada cor poderá atuar depende

da ocasião, pois as cores estarão sempre cercadas de outras cores, formando uma espécie de “acorde cromático” (HELLER, 2013, p.18).

Para uma composição de elementos, há ainda princípios de ordem que são derivados da proporção áurea e que influenciam diretamente nossos ideais de organização formal e equilíbrio, criando espaços aparentemente harmônicos. Noções como simetria e assimetria, por exemplo, são frequentemente utilizadas nos projetos de interiores para favorecer a construção de atmosferas espaciais distintas (conforto e desconforto, por exemplo). Noções de hierarquia e destaque podem ser favorecidas a partir da posição de objetos no espaço, a partir das escalas dos objetos ou do nível de contraste e tonalidade de cores. Linhas e planos horizontais ou verticais, que podem ser reforçados com o tipo de mobiliário proposto, ou com o uso de pinturas personalizadas e desenhos, alteram a percepção da silhueta do ambiente, assim como cores escuras e cores claras provocam efeitos visuais muito distintos no que diz respeito às dimensões do espaço. Superfícies reflexivas ou translúcidas favorecem a iluminação e podem criar relações interessantes entre os ambientes externos e internos, por exemplo. Enfim, há uma infinidade de elementos e de estratégias de projeto que transformam a atmosfera do espaço, alterando nossas percepções.

Nesse sentido, destaca-se uma importante área de pesquisa que tem contribuído significativamente com os projetos de interiores, e que relaciona-se diretamente ao entendimento da atmosfera do espaço: a Psicologia Ambiental. Trata-se de estudos que procuram compreender como os indivíduos se relacionam com os espaços que habitam e, conseqüentemente, como o planejamento desses espaços pode estimular percepções e comportamentos sociais muito distintos. Para Gunther, Guzzo e Pinheiro a “*Psicologia Ambiental estuda o homem em seu contexto físico*”, e deve compreender suas relações com o ambiente, tratando com relevância questões como “*percepção, atitudes, avaliações ou representações ambientais, ao mesmo tempo considerando os comportamentos associados à elas*” (2006, p.07).

Assim, a atmosfera do lugar é uma construção complexa que depende da manipulação de elementos objetivos e subjetivos do espaço, de modo que seja possível transmitir emoções e sensações que promovam relações entre usuário e espaço, criando conexões que vão além de demandas funcionais, e que nos

comovem e nos transformam. O modo como o espaço é tratado pelo *designer* de interiores estimula comportamentos e também cria relações entre os diferentes usuários de um mesmo ambiente a partir de intenções projetuais que correspondem a criação da atmosfera do lugar.

4 PROPOSTAS METODOLÓGICAS

Compreendida a importância das noções de *conceito* e *atmosfera* para os projetos de interiores, serão apresentadas, neste tópico, algumas práticas acadêmicas desenvolvidas nas disciplinas de *Design* de Interiores I e *Design* de Interiores IV, do Curso Tecnólogo em *Design* de Interiores do CES/JF, a partir das quais se propõe compreender os desafios do processo de ensino/aprendizagem no que tange a abordagem de temáticas, por vezes, abstratas e complexas, como aquelas que envolvem os temas *conceito* e *atmosfera*, aqui discutidos.

A grade curricular do curso de *Design* de Interiores do CES/JF apresenta uma formatação que combina, ao longo dos quatro períodos do curso, disciplinas teóricas e disciplinas práticas, de modo que os conteúdos mais teóricos tenham espaço para serem imediatamente aplicados. Uma importante disciplina de caráter prático, e que está presente em todos os períodos do curso, chama-se *Design* de Interiores e apresenta uma estrutura de conteúdos em que os alunos elaboram projetos de interiores de temáticas diversas, partindo sempre da elaboração do conceito.

Na disciplina de projeto de *Design de Interiores I*, os alunos do primeiro período do curso de *Design* de Interiores não têm familiaridade com todos os aspectos que envolvem o pensamento projetual e, principalmente, não dominam a retroalimentação do processo criativo. Como exercício experimental do domínio das características de um projeto de interiores que molda o conceito e atribui personalidade ao mesmo, os alunos são incentivados a selecionar projetos de interiores executados que mais lhe agradem e, a partir deles, devem identificar as informações relativas aos elementos – básicos, relacionais e práticos –, sensações e materiais que determinam as decisões projetuais e, ao final, devem identificar o conceito trabalhado.

Tal experimentação percorre o processo inverso de criação – conceito/características para características/conceito – e permite a apreensão do

conceito proposto a partir da caracterização do espaço, mostrando aos estudantes que tanto o conceito quanto a atmosfera de um projeto fundamentam as propostas projetuais a partir do conhecimento e articulação das teorias e técnicas específicas do *design*.

É também no primeiro período da grade curricular que os alunos cursam disciplinas como Psicologia Ambiental e Estudo da Forma, de modo que esses conteúdos possam ser aplicados aos projetos desenvolvidos nas disciplinas práticas, já que, compreendido o processo a partir de um ponto de vista invertido, os alunos passam a experimentar suas próprias concepções, desenvolvendo projetos autorais, desde o primeiro até o último período do curso. E essa experimentação finaliza-se com uma temática de projeto em que a conceituação, a atmosfera e a experiência espacial são elevadas ao seu grau máximo de complexidade: quando os alunos são desafiados a criar, coletivamente, um espaço expositivo-cenográfico para a Mostra de Trabalhos do Curso.

Assim, a disciplina *Design* de Interiores IV, oferecida aos alunos do quarto, e último, período do curso, apresenta uma estrutura metodológica em que a fase inicial do projeto, que compreende justamente a conceituação, procura desenvolver-se a partir de atividades e dinâmicas coletivas que distanciam-se o máximo possível da resposta técnica e que aproximam-se o máximo possível de resposta lúdica, livre e descompromissada, reunindo recortes e referências de situações diversas que possam ilustrar, de algum modo, a aresta mais subjetiva do conceito.

Em uma primeira dinâmica, os alunos apresentam individualmente respostas imediatas a perguntas relacionadas ao tema, favorecendo o impulso. Na sequência, as respostas são debatidas pelo grupo, extraindo as mais criativas e inusitadas ideias bem como as ideias mais concordantes. Essa seleção pode ser incrementada posteriormente com imagens de referência, e é o primeiro passo para a elaboração do conceito. Somente após essa dinâmica é que os alunos podem iniciar a conceituação do projeto a partir de pesquisas e análises do espaço de projeto, bem como o entendimento do público-alvo do evento. Na apresentação do conceito, estimula-se mais a criação de um painel conceitual construído a partir de fotografias, recortes de revistas, imagens aleatórias (que não estejam necessariamente relacionadas à espaços ou à elementos espaciais), complementadas com palavras-

chave e croquis, do que a apresentação de desenhos de aparência mais técnica. Depois essas imagens passam a ganhar corpo técnico, com desenhos de precisão.

Considerando a importância do conceito nos projetos de interiores, e, sobretudo, entendendo a complexidade de sua construção, a abordagem realizada ao longo do primeiro período do curso, bem como as experimentações que são desenvolvidas ao longo do último período com os alunos, dentro das disciplinas de projeto, procuram trabalhar metodologias de projeto distintas, considerando as particularidades e as necessidades dos alunos em cada fase do curso. Pretende-se, também, apresentar o processo de projeto como um campo de experimentação, onde qualquer receita fechada é, na verdade, um caminho impossível. E que o resultado do projeto dependerá, sobretudo, de uma pesquisa intensa, de um olhar atento, de nossas vivências e experiências pessoais, e de muito trabalho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projetar em *design* envolve muitas variáveis interdependentes e dinâmicas, que necessitam ser compreendidas como parte do processo e não como elementos isolados independentes.

A arquitetura de interiores e arquitetura enquanto ambiente construído são áreas complementares e não devem ser dissociadas uma da outra, uma vez que arquitetura depende da percepção de sua dimensão materialmente tangível e da dimensão integrada pelo subjetivo inerente a sua vivência e apreciação. Assim sendo, reafirma-se que todos os elementos demarcadores do espaço são fundamentais para a compreensão e construção do espaço interior.

Além disso, reforça-se a complexidade do *design* de interiores como uma prática que exige alto grau de conhecimento, pesquisa e dedicação, conteúdos estes pertinentes e necessários a qualquer atividade profissional que aborda o planejamento do espaço, pensado assim como espaço intencionalmente projetado.

Foi considerado aqui as noções de *conceito* e *atmosfera* como definições fundamentais ao desenvolvimento do projeto de interior, e como estruturas que garantem a qualidade espacial em seus níveis objetivos e subjetivos, conectando usuário e espaço.

CONCEPTS AND ATMOSPHERES IN INTERIOR ARCHITECTURE: SUBSIDIES FOR DEBATE ON PROFESSIONAL PRACTICE

ABSTRACT

The present work is part of the design of the project field, has the themes Concept and Atmosphere Interiors Project the main the analytical focus. As reflections here are a result of a debate promoted extension project "Project IN" - UFJF / FAU and how analyzes developed seek to broaden the discussion of the theme from professional experience in the market practice and breaking of teaching experiences in the Interior design course. Along this work we tried to show what the act of design in Interior Design involves many interdependent variables and dynamics, which need to be understood as part of the process and not as isolated elements and independent variables that these ensure the depth and complexity of projects Internal spaces. It is a reflection on the project to professional area of Architecture and Interior Design for the dialogue between the building and its environments, and projective, formal results and of sensory order.

Keywords: Interior design. Concept. Atmosphere.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. **Linguagem e arquitetura**: o problema do conceito. Revista de Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo. vol.1, n.1, novembro de 2000. Belo Horizonte: Grupo de Pesquisa "Hermenêutica e Arquitetura" da Escola de Arquitetura da UFMG.

CHING, Francis. **Arquitetura**: forma, espaço e ordem. – São Paulo: Martins Fontes, 2008. 2ª edição.

GUNTHER, Hartmut; GUZZO, Raquel; PINHEIRO, José. **Psicologia Ambiental**. Entendendo as relações do homem com seu ambiente. – Campinas, SP: Editoria Alínea, 2006.

HELLER, Eva. **Psicologia das Cores**. Como as cores afetam a emoção e a razão. – São Paulo: Gustavo Gili, 2013. 1ª edição. Tradução: Maria Lúcia Lopes da Silva.

MOREIRA, Samantha. **QDP-Design**: metodologia para gerar soluções assertivas a partir de conceitos criativos. 9º CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 2010.

OKAMOTO, Jun. **Percepção Ambiental e Comportamento**. Visão Holística da Percepção Ambiental na Arquitetura e na Comunicação. – São Paulo: Ed. Mackenzie, 2002.

PHILLIPS, Peter L.. **Briefing**: a gestão do projeto de design. São Paulo: Editora Edgard Blucher LTDA, 2011.